

SEXO E SENSIBILIDADES ERÓTICAS NA LITERATURA
LUSO-BRASILEIRA DE OITOCENTOS E DA BELLE ÉPOQUE

Logo após a abolição da Real Mesa Censória, em 1821, começaram a ser traduzidas para o português várias obras libertinas francesas que já circulavam, clandestinamente, desde os finais do século XVIII, como *Teresa filósofa* (1748), de Jean Baptiste Boyer d'Argens, ou *A cortina corrida ou a educação de Laura* (1786), de Mirabeau, para só citar algumas. No entanto, é preciso ressaltar que essas obras tinham um conteúdo filosófico e anticlerical, a roçarem às vezes o materialismo, além de serem romances que se “leem com uma mão só”, para retomarmos a expressão cunhada pelo crítico francês Goulemont (2000).

Além dos sucessos de venda da literatura libertina, inclusive inglesa, se pensarmos no caso de *Memoirs of a woman of pleasure* (1748-1749), de John Cleland, vertido para português a partir da edição clandesti-

na francesa (*Memórias de miss Fanny escritos por ela mesma*, 186?), também foram traduzidos romances menores, obras escritas, essas sim, para o puro “de-leite” do leitor burguês heterossexual que as lia com uma mão só.

Logo, esse mesmo leitor tinha ao seu dispor uma variedade de “Leituras para homens” que tanto apelavam ao intelecto quanto aos sentidos, inclusive a poesia fescenina vernácula, ou em tradução, a circular com maior facilidade. Impressa, clandestinamente, desde o século XVIII, em Portugal, contava também com leitores além-mar, se atentarmos ao sucesso de *A Martinhada* (172?), de Caetano José da Silva Souto-Maior (1694-1739), o “Camões do Rossio”, mas, sobretudo, de Bocage (1765-1805), cujas “anedotas” continuam a alimentar o imaginário criativo dos poetas de cordel.

O diálogo lascivo luso-brasileiro arranca, portanto, no século XVIII, e nos dois sentidos, já que a poesia obscena de Gregório de Matos era lida e apreciada em Portugal. Esse diálogo começou, como era de esperar, durante o Brasil colônia (CUROPOS, 2020a). Mas, como o leitor poderá constatar à leitura de alguns dos artigos deste número, continuou muito tempo depois (CUROPOS, 2020b), até o “Grito de Ipiranga” radical que foi a Semana de Arte Moderna de São Paulo.

A chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro favoreceu o contato direto com as obras licenciosas a circularem em Portugal, algumas das quais já publica-

das ou traduzidas no Brasil (ABREU, 2017), ou dadas ao prelo em Portugal, por tradutores luso-brasileiros, como no caso de *Saturnino, Porteiro dos Frades Bentos* (ANÓNIMO, 2021), “adaptação” para português do célebre *Dom B*** Portier des Chartreux* (1740), de Gervaise de Latouche.

Com o decorrer dos anos, começa a surgir uma intensa produção de literatura licenciosa em Portugal, consumida *in loco*, mas também no Brasil, um mercado de peso para editores e livreiros portugueses que, a partir da publicação de *Os serões do convento* (1862), encontram no Brasil um mercado promissor (CUROPOS, LUGARINHO, MAIA, 2018). Aliás, Arsénio de Chatenay e Rabelais (Alfredo Gallis), os únicos autores portugueses a terem se dedicado exclusivamente a esse nicho do mercado, foram verdadeiros sucessos de vendas no Brasil.

Chatenay, já totalmente esquecido no início do século vinte em Portugal, há de continuar a ter leitores além-mar até a primeira década do século XX. Refira-se que muitas dessas obras editadas em Lisboa ou no Porto, traduções ou vernáculos, eram vendidas e/ou anunciadas por *O Rio nu*, a mais popular das revistas “alegres” da *Belle Époque* carioca (PEREIRA, 1997), a qual tanto foi influenciada pelas revistas francesas do género, *Le Gaulois*, *Le Frou Frou*, *Gil Blas*, *Journal Amusant* e *La Vie Parisienne*, em particular, como pela revista portuguesa *O Pimpão*, também lida e vendida (por assinatura) no Brasil. Além disso, vinham do ou-

tro lado do Atlântico coleções de contos “picantes”, séries vendidas avulso, como no caso da *Bibliotheca reservada* (1886), ou compiladas em livro, pensadas especificamente no mercado brasileiro.

Contudo, na viragem do século, tendo em conta a procura brasileira e a fraca capacidade de resposta dos autores portugueses, incapazes de responder à gula dos leitores do outro lado do Atlântico, continuam a ser exportadas traduções de romances picantes franceses que roçam, na *Belle Époque*, o pornográfico, obras amplamente imitadas pelos epígonos do naturalismo, tanto portugueses quanto brasileiros (MENDES, 2019).

Essas “Leituras para homens”, como eram conhecidas, não de circular até a década de 1920, um “Eros Modern’ Style” (WALDBERG, 1964), que ganhara visibilidade no Brasil com a multiplicação de revistas “alegres”, às quais *O Rio nu* abriu caminho. Tanto esta última quanto as suas congêneres começam a editar/publicar séries de contos, escritas por autores brasileiros (mas também estrangeiros), muito dos quais sob pseudônimo (ALMEIDA, 2018, p. 419), e de que nos dá um valioso apanhado a antologia *O corpo descoberto* (MORAES, 2018).

Porém, nenhum do *Contos rápidos*, editados pelo *Rio nu*, foi contemplado pela organizadora, ficando de fora, portanto, contos literalmente obscenos, inclusive *O Menino do Gouveia* (1914), objeto de uma frutífera reavaliação (COSTA, 2020). A antologia de

Moraes constitui, por assim dizer, uma obra de resgate, como no caso das obras e autores estudados nos artigos agora publicados, muitos dos quais até agora “esquecidos” pela crítica *mainstream*, mormente em Portugal, por justamente terem posto o “corpo a descoberto” e falado de assuntos considerados, à época, como escabrosos.

Nesse mesmo sentido, *Dissidências de gênero e sexualidade na literatura brasileira: uma antologia (1842-1930)*, organizada por César Braga-Pinto e Helder Thiago Maia, publicada em dois volumes no final de 2021, pela editora portuguesa Index e pela brasileira Devires, é outra importante antologia de resgate de obras e autores propositalmente “esquecidos”, que dialogam com os artigos aqui publicados. Mais recentemente, cabe destacar também as edições dessas obras, tanto pela editora portuguesa Index quanto pela brasileira O Sexo da Palavra.

No entanto, se a série dos clássicos LGBTQ+, lançada pela Index, permitiu a redescoberta de obras licenciosas do patrimônio luso-brasileiro, as mesmas só parecem ser lidas fora de Portugal. Com efeito, até agora, se excetuarmos António Fernando Cascais, um caso invulgar dentro da academia portuguesa, @s únic@s acadêmic@s a terem se debruçado sobre esses clássicos, contra-canônicos, são estudos@s de fora. Se “a literatura portuguesa está cheia de pudor, falsamente vitoriano”, como refere o escritor Baptista-Bastos, em entrevista (FRANCISCO, 2010), o mes-

mo se pode dizer da crítica, tanto acadêmica quanto jornalística. Pois, até agora, e apesar da excepcionalidade de alguns dos volumes publicados pela Index, esses livros continuam à espera de quem lhes escreva uma resenha.

Quer a literatura licenciosa de finais de Oitocentos, quer a corrente naturalista, estão imbuídas de um moderno discurso sobre a sexologia, uma *scientia sexualis* vinda da França e da Alemanha, essencialmente, mas que vem alimentar o imaginário erótico desses autores e, por vezes, dessas publicações “alegres”. Sendo assim, não é de estranhar que, desde a década de 1870, os escritores lusos e brasileiros comecem a encenar sexualidades dissidentes e parafilias nas suas obras, universos eróticos considerados como tétricos e patológicos: homossexualidade feminina, homossexualidade masculina, ninfomania, fetichismo, adição sexual, frigidez, onanismo, pedofilia, uma especialidade, por assim dizer, de Alfredo Gallis, cuja série *Tuberculose social* foi um verdadeiro êxito comercial, nos dois países, mas cujo teor pornográfico lhe tirou o brilho junto da crítica (MENDES, MOREIRA, 2021).

Conquanto essas histórias e historietas picantes sejam meras fantasias para o leitor *voyeur*, no caso da homossexualidade, sobretudo masculina, o que é dado a ver e a ler deixa transparecer uma certa realidade. Com efeito, tanto no Brasil quanto em Portugal, já existiam comunidades homossexuais visíveis, e essa literatura, marginal e marginalizada, tornava-

-se um “espetáculo do segredo” (SEDGWICK, 1990, p. 213), como deixam claro obras não canônicas como *O Menino do Gouveia* (1914), de Capadócio Maluco, ou *O Sr. Ganymedes* (1904), de Alfredo Gallis.

O objetivo deste número da revista *Via Atlântica*, “Sexo e sensibilidades eróticas na literatura luso-brasileira de Oitocentos e da *Belle Époque*”, é o de mapear essa produção, de dar a conhecer os seus autores, temas e de, sobretudo, fomentar o estudo de uma literatura “marginal-izada” ainda por descobrir, tanto em Portugal quanto no Brasil. Porém, como o leitor poderá conferir e, apesar dos 13 artigos contemplarem, por metade, obras e/ou autores portugueses, só um foi escrito por um estudioso português, o qual escolheu trabalhar sobre um autor canônico: Bocage. É que, no que diz respeito ao corpo e à sexualidade, a crítica portuguesa continua ainda timorata e arreiçada a *O Cânone* (FEIJÓ, FIGUEIREDO, TAMEN, 2020), o que deixou de ser o caso na academia brasileira e nos departamentos de estudos lusófonos de faculdades estrangeiras. Com as propostas instigantes do presente número, esperamos que se abram linhas de leituras fecundas, tanto para leituras dissidentes do cânone quanto para uma reavaliação do mesmo.

Assim sendo, iniciamos o dossiê “Sexo e sensibilidades eróticas na literatura luso-brasileira de Oitocentos e da *Belle Époque*” com o artigo “O cânone libertino setecentista, um produto do século XIX?”, de Rui Souza e Manuel Fernandes, que investiga Bocage

e a literatura libertina do século XVIII português, assim como analisa a construção de uma tradição literária setecentista, através de um intenso labor editorial, ao longo do século XIX.

Na sequência, são publicados seis artigos que analisam o lugar de mulheres, e também das lesbianidades, tanto na construção e representação literária desse período quanto na sua recepção. Em “Livros que as mulheres (não) devem ler: impressos licenciosos no Brasil no final dos oitocentos”, Aline Moreira analisa as tensões entre a popularidade da literatura licenciosa, a representação literária de mulheres que vivem certa liberdade sexual e os temores em torno do consumo feminino dessas obras. Com “A imoralidade do orgasmo feminino em *A história de cada uma: os serões do convento*”, Natanael Azevedo e Maria Isabela de Menezes, tecendo um diálogo entre literatura e psicanálise, analisam a representação do gozo feminino, a partir de um romance pornográfico de Alfredo Gallis, uma obra cujo sucesso editorial foi muito maior no Brasil do que em Portugal. Em “Prova de consideração: dramaturgia e temporalidade não normativa”, Djalma Thurler recupera a peça teatral *Prova de consideração*, de Gomes Cardim, para mostrar como o teatro de *boulevard* tensionava e provocava a moralidade pública, especialmente no que se refere à condição feminina.

Em seguida, com “Na estrada para o safismo: uma comparação entre *Amar, gozar, morrer* e *Nova Sapho*”,

Ana Beatriz Silva e Helder Thiago Maia analisam, em diálogo com a crítica lésbica, a relação entre lesbianidade, pornografia e viagens na literatura luso-brasileira. Em “A liberdade é uma vertigem: prostituição e lesbianidade na literatura do grande século XIX”, Claudina dos Santos, a partir do diálogo entre certa literatura produzida na Europa e no Brasil, analisa a relação entre lesbianidade e prostituição na literatura brasileira. Por fim, encerrando este importante bloco, em “*Cette nouvelle Lesboa*”, Fernando Curopos analisa as mudanças na representação literária de lésbicas, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, em Portugal.

Esses artigos mostram todo o interesse por questões ligadas à lesbianidade e à representação de mulheres dissidentes na literatura portuguesa e brasileira. De fato, vale aqui lembrar que os *gay studies*, tal como foram aclimatados quer no Brasil, quer em Portugal, na viragem do século, concentraram-se essencialmente na representação da homossexualidade masculina, reproduzindo assim um viés patriarcal. Os estudos agora publicados mostram o quanto esse viés foi superado, mormente na crítica brasileira ou de outras esferas culturais e linguísticas, como no caso do trabalho desenvolvido por Fernando Curopos, na França, e por Anna M. Klobucka, nos Estados- Unidos.

Após os importantes trabalhos sobre mulheres e/ou lesbianidades, os artigos seguintes se detêm, principalmente, sobre os estudos das masculinidades

e das homossexualidades masculinas. Nesse sentido, em “Putos e fanchonos na *belle époque* carioca: representações da homossexualidade masculina em três contos pornográficos (1914-1916)”, Erika Cardoso, a partir de três contos, senão publicados pelo menos vendidos pela revista *O Rio nu*, analisa a relação entre a representação literária das homossexualidades masculinas, os estereótipos narrativos em torno dessas dissidências e a vida cotidiana carioca. Com “Intersecções entre sexo e horror em dois contos de João do Rio”, Sabrina Fraccari e Pedro Santos, analisam o uso de elementos dos “livros para homens”, em dois contos que transitam entre o sexo e o horror, a pornografia e o decadentismo. Em “Pedagogia, tutela e a insondável beleza do corpo”, Renan Ji defende que o triângulo amoroso do romance *Bom crioulo*, de Adolfo Caminha, e principalmente Aleixo, desestabiliza e escapa de aspectos do cientificismo e da objetividade do naturalismo.

Na sequência, dois artigos se detêm no romance *Livro de uma sogra* (1895), de Aluísio Azevedo. Em “*Livro de uma sogra* (1895), de Aluísio Azevedo (ou “como conservar o amor sexual)”, Leonardo Mendes analisa as condições culturais e narrativas que possibilitaram o sucesso comercial da obra; enquanto em “Um paradigma inalcançável: o masculino e as masculinidades em *Livro de uma sogra* (1895)”, Mário Lugarinho e Edson Salviano Pereira discutem como a obra tensiona modelos de masculinidade, ao mes-

mo tempo em que reafirma um modelo inalcançável de masculinidade. Por fim, em “Mulheres de bigode: masculinidades, gênero e a guerra da tríplice aliança na ficção de Joaquim Manuel de Macedo”, César Braga-Pinto argumenta que, em *Mulheres de mantilha* (1870), mais do que homoerotismo feminino, há um desejo de novas performances de masculinidade e investiga como Macedo renova noções de honra masculina e virtude feminina.

Como poderá conferir o leitor, alguns dos artigos publicados vertem sobre obras e/ou escritores sem fortuna crítica, o que só mostra o empenho d@s autores em lutar no seio das suas próprias instituições, por uma (re)valorização de uma literatura até agora considerada como, no melhor dos casos, uma subliteratura de pouco valor e interesse (a erótica), no pior como lixo (a pornográfica), e por isso descartada. No que concerne a Alfredo Gallis, um dos escritores em destaque no presente número, Maria-Helena Santana indica que permaneceu “praticamente desconhecido da Crítica e ainda hoje é mais fácil encontrá-lo nos alfarrabistas do que nas bibliotecas” (SANTANA, 2007, p. 240). Todavia, se todas as obras de cariz naturalista do escritor, reeditadas até os anos 1930, constam do acervo das maiores bibliotecas portuguesas, o mesmo já não acontece com a sua obra licenciosa, assinada Rabelais.

Na introdução da sua valiosa *Antologia da poesia erótica brasileira*, Eliane Robert Moraes frisa que,

“talvez em resposta aos dispositivos repressivos, nossos textos obscenos foram sendo empurrados para as margens dos círculos letrados” (MORAES, 2015, p. 22). Ora, se considerarmos a riquíssima produção fescenina portuguesa e brasileira de Oitocentos, ela não foi só empurrada para “as margens dos círculos letrados”, mas descartada e destruída, por a mesma ser considerada como lixo. Logo, se o objetivo das bibliotecas, mormente as nacionais, é de preservar livros e as suas memórias, tanto em Portugal quanto no Brasil, a literatura licenciosa continuou a sofrer, durante anos a fio e até o século XX, de uma censura tão inquisitorial quanto a dos séculos XVII e XVIII. Deste “lixo” restam algumas cinzas às quais urge dar vida, tal outra *Fénix renascida*.

*Fernando Curopos
Helder Thiago Maia*

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. O templo de Jatab: um romance licencioso publicado pela impressão régia do Rio de Janeiro. *Floema: Caderno de Teoria e História Literária*, n. 9, out. 2017, p. 193-215.

ALMEIDA, Aline Novais de. O despertar de Eros na literatura brasileira. In: MORAES, Eliane Robert. *O corpo descoberto. Contos eróticos brasileiros (1852-1922)*. Recife: Cepe, 2018.

ANÓNIMO. *Saturnino, Porteiro dos Frades Bentos*. Lisboa: Index, 2021.

BRAGA-PINTO, César; MAIA, Helder Thiago. *Dissidências de gênero e sexualidade na literatura brasileira: uma antologia (1842-1830)*. 2V. Lisboa: Index, 2021/ Devires: Salvador, 2021.

COSTA, Valmir. O menino do Gouveia: A história real que inspirou o primeiro conto homoerótico brasileiro de 1914. *Projeto História*, São Paulo, v. 69, 2020, p. 419-457.

CUROPOS, Fernando. Paris-Lisboa-Rio de Janeiro: Trânsitos eróticos. In: CUROPOS, Fernando; MACEDO, Algemira de; SILVA, Maria Araújo da; SILVA, Fabio Mario da (orgs.). *Faces de Eros*. Teresina-Piauí: Cancioneiro, 2020a, p. 11-26.

CUROPOS, Fernando. Lisbonne-Madrid-Barcelone : circulations érotiques. *Catalonia*, 27, Deuxième semestre 2020b, p. 97-114.

FEIJÓ, António M., FIGUEIREDO, João R., TAMEN, Miguel (eds.). *O cânone*. Lisboa: Fundação Cupertino de Miranda/Edições Tinta da China, 2020.

FRANCISCO, Luís. "Andamos a escrever mais sobre sexo, mas será que temos jeito?", *Público, Ipsilon*, 10 de fevereiro de 2010. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2010/02/10/culturaipsilon/noticia/andamos-a-escrever-mais-sobre-sexo-mas-sera-que-temos-jeito-250369>>. Acesso em: 20 ago. 2022.

GOULEMONT, Jean-Marie. *Esses livros que se lêem com uma mão só*. Leitura e leitores de livros pornográficos no século XVIII. (Tradução de Maria Aparecida Corrêa). São Paulo: Discurso Editorial, 2000.

MENDES, Leonardo. O naturalismo na livraria do século XIX. *Revista Letras/UFPR*, Curitiba, n. 100, jul./dez. 2019, p. 71-90.

MENDES, Leonardo; MOREIRA, Aline. Alfredo Gallis (1859-1910), pequeno naturalista. *Convergência Lusitana*, Rio de Janeiro, v. 32, n° 46, jul-dez 2021, p. 358-385.

MORAES, Eliane Robert. Da lira abdominal. In MORAES, Eliane Robert. *Antologia da Poesia Erótica Brasileira*, Eliane Robert Moraes, Cotia-SP, Ateliê Editorial, 2015.

MORAES, Eliane Robert. *O corpo descoberto*. Contos eróticos brasileiros (1852-1922). Recife: Cepe, 2018.

PEREIRA, Cristiana Schettini. *Um gênero alegre: imprensa e pornografia no Rio de Janeiro (1898-1916)*. Dissertação (Mestrado em História), São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 1997.

SANTANA, Maria Helena. Pornografia no fim do século: os romances de Alfredo Gallis. *Portuguese Literary & Cultural Studies*, n° 12, 2007, p. 235-248.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Epistemology of the Closet*. Berkeley. Los Angeles: University of California Press, 1990.

WALBERG, Patrick. *Eros Modern' Style*. Paris: Jean-Jacques Pauvert Éditeur, 1964.